

DESENVOLVIMENTO DO DISCURSO NARRATIVO:
A EMERGÊNCIA DAS DIFERENTES VOZES (1)

Mônica T. OTTOBONI S. FERNANDES (PUC/SP)

Abstract: In this paper, we shall present issues regarding to the initial development of language and literacy. The focus of our work sets in towards the oral narrative speech constitution mediated by enunciative practices of reading and telling stories. In this context, we have observed the interactions between a child aged from 02;01 to 03,05 and his or her interlocutors about objects which hold written texts (books, magazines, comics, etc.), in familiar universe considered in a high level of literacy. Within these practices, we have focused the emergence of different voices which compose narrative speech (empirical interlocutors, narrator, and characters) and their relations with speech monologization development (articulation of different voices in a single text), searching retrospectively the history of its constitution. We have adopted, with this intent, the socioconstructivist and enunciative theoretical and methodological premises, taking as representatives of these views, respectively, Vygotsky and Bakhtin. We could identify through our data analysis some interactional procedures which are responsible for the narrative speech construction through the emergence of different voices. We have concluded, as well, that oral practices and literacy interpenetration is of fundamental importance to the emergence of lettered speech, once we could assemble the dialogical history of its constitution, as well as the one of every genre of speech.

As questões envolvidas no processo de aquisição de linguagem oral e do letramento têm, recentemente, ganhado espaço no campo das investigações psicolinguísticas. Inter-relacionar os processos do desenvolvimento da linguagem e do letramento, implica assumir que tais práticas, tanto do ponto de vista interacional como do discursivo, determinam-se mutuamente.

O que temos de consistente na literatura são grupos de pesquisadores enfatizando, por um lado, os aspectos do desenvolvimento da linguagem oral (de Lemos, 1981, 1982, 1985, 1986, 1992; Campos, 1985; Maia, 1985; Figueira, 1985; Lier, 1983 e 1985; Lier-de-Vitto, 1994; Perroni, 1983 e 1992; Karmiloff-Smith, 1979; Peters, 1986; Clark, 1987 e Camaione, 1979) e por outro, os aspectos do letramento (de Lemos, 1988 e 1990; Fontana, 1989; Mayrink-Sabinson, 1987; Scarpa, 1987; Tfouni, 1988; Rojo, 1985, 1989, 1989-a, 1990, 1991, 1992 e 1993; Smolka, 1991; Pflaum, 1986; Goes & Martlew, 1983 e Teale & Sulzby, 1987), sendo que estes últimos já apontam para algumas relações possíveis entre estas duas modalidades no desenvolvimento de linguagem, sem, entretanto, descrever e explicar a natureza destas relações.

É no interior das relações possíveis entre oralidade e letramento que pretendemos observar, a partir de uma visão sócio-construtivista e enunciativa, alguns aspectos do desenvolvimento do discurso narrativo, adotando uma concepção de linguagem que vislumbra as interações linguísticas (em suas práticas orais e escritas) como constitutivas do conhecimento, inclusive, sobre a própria linguagem. Mais especificamente, temos como objetivo

observar práticas enunciativas na interação de uma criança e seus interlocutores, dos 02;01 aos 03;05 anos, basicamente sobre livros de estórias, em universo familiar, visando focar o desenvolvimento do discurso narrativo monologizado, através da emergência das diferentes vozes externas (as vozes dos interlocutores empíricos) e internas (as vozes do narrador e das personagens) à narrativa.

Estamos assumindo aqui a necessidade de considerarmos os aspectos interacionais empíricos e discursivos como interdependentes, a ponto de não poderem ser compreendidos isoladamente. O que possibilita a junção destes aspectos, a nosso ver, relaciona-se com a assunção de uma postura sócio-construtivista que inclua não só a descrição e explicação de como o processo de desenvolvimento da linguagem ocorre (procedimentos empíricos), mas também do que está sendo construído (aspectos discursivos) e a inter-relação entre eles.

Deste modo, adotamos as concepções de Vygotsky (1930a, 1930b, 1933, e 1934) e Bakhtin (1924, 1929a, 1929b, 1935, 1953, 1959 e 1974), por julgarmos serem autores complementares, no sentido da falta que um faz ao outro. Bakhtin, assumindo mais uma perspectiva sociológica que psicológica, trabalha centralmente com a noção de linguagem, interação e enunciação, aprofundando discussões que a perspectiva psicológica de Vygotsky, embora não desautorize, não chega a esmiuçar.

Por esta razão, adotamos Bakhtin na tentativa de resgatar o nosso próprio objeto de investigação - a linguagem. Por outro lado, na ausência de uma proposta explícita sobre os processos de aquisição de linguagem na teoria bakhtiniana, adotamos as considerações feitas por este autor sobre os interlocutores já constituídos (noção de

compreensão/recepção ativa, o processo de autoria) sobre a relação entre língua-linguagem (polissemia-unicidade da palavra, condições de produção das enunciações, dialogia-monologia, ou discurso citado) e sobre o produto acabado - a obra literária (gêneros do discurso e as fronteiras do enunciado).

Em contrapartida, utilizamos as considerações de Vygotsky, em alguns aspectos relidas, a respeito dos processos de desenvolvimento cognitivos e semióticos por ele apontados. Incluem-se neste rol: o papel que é dado à linguagem (reinterpretado a partir de Bakhtin) como objeto e instrumento de construção do conhecimento; o princípio dialógico que podemos inferir da relação dialética entre processos interpessoais e intrapessoais; a dinâmica do desenvolvimento no interior da sua noção de "*zona de desenvolvimento proximal*", a qual inclui a diferença entre a contribuição do adulto e da criança na construção do conhecimento e da linguagem, assim como o procedimento do par mais capaz de sobrepor ao conhecimento já constituído pela criança (desenvolvimento real) a um novo conhecimento a ser negociado (desenvolvimento potencial).

Na verdade, estas concepções teóricas não se fundamentam na empiria de forma explícita e de modo algum esta característica demonstra a fragilidade destas teorias. Ao contrário, julgamos perfeitamente possível que esta tarefa seja imposta ao pesquisador.

Diante deste fato e da especificidade do objeto de nosso trabalho - o desenvolvimento do discurso narrativo, recorreremos também às categorias já identificadas em trabalhos de aquisição de linguagem (Lier, 1983 e 1985; de

Lemos, 1981, 1982 e 1985), mostrando as inter-relações possíveis com as noções bakhtinianas.

Os dados que analisaremos compõem o Banco de Dados da Profa. Dra. Roxane Rojo do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas (LAEL) da PUC/SP e consiste num recorte composto da transcrição ortográfica de práticas discursivas de uma criança de 02;01 aos 03;05 anos de idade e seus interlocutores, incluindo o pesquisador, em universo familiar, sobre portadores de textos (livros de estória e outros), colhidas longitudinalmente, através de filmagens em vídeo-tape, quinzenais (às vezes mensais).

A análise dos dados foi efetivada sob a perspectiva sócio-construtivista, onde a unidade de análise É, por um lado, a interação entre os interlocutores, empírica e discursiva - tomando-se como origem do discurso a atividade dialógica entre os interlocutores - e, por outro, os objetos em construção (no caso, aspectos do discurso narrativo).

Especificamente neste artigo, trataremos de uma questão mais central, a qual se refere à identificação dos procedimentos interacionais-discursivos que levam a criança a fazer uso de um discurso onde diferentes vozes aparecem articuladas sem as marcas empíricas do diálogo (discurso monologizado). Aqui estamos colocando o aspecto da dialogia externa (empírica) e interna (enunciativa) que todo discurso comporta, conforme abordado por Bakhtin (1929a e 1929b), através da sua noção de compreensão-recepção ativa. (2) E, talvez, por aí se explique, no momento inicial do desenvolvimento da criança, o embricamento entre a oralidade e o letramento.

Por um lado, porque a oralidade desenvolve-se na

dialogia dos interlocutores, tal como réplicas e, por outro, os eventos de letramento, principalmente os textos narrativos escritos, trazem à tona um outro tipo de discurso, mais complexo, que apresenta a dialogia interna ao discurso (narrador, personagens, autor,).

Para discutirmos e ilustrarmos nossas argumentações, passaremos a expor alguns recortes de nossos dados. Vamos começar nossa análise pelo momento em que a criança já se encontra num processo de relativa monologização do discurso narrativo.

17a. GRAVAÇÃO (3;05,00) (Contexto: Investigadora (I.), mãe (M.) e criança (C.) no quarto com livros.)

estórias: Gato que pulava em Sapatos, Branca de Neve, O Nenê Bagunceiro, O Nosso Cachorro

C.: (Sentada na cama junto com M. e I. lendo um livro).

M.: Péra aí, vamo começá de novo que eu perdi o começo.

I.: E, também.

M.: Ah, começa de novo.

C.: O Mimi era muito queridinho... (Vira a página) ...e daí ele tinha uma linda cestinha. E daí... (Vira a página) ... ele... e daí a dona perguntava: “-Não suba no telhado.” E daí ele ficô muito zangado. (Vira a página). “-Que dóga!” (Vira a página). E daí muito tite. (Vira a página). “-Que vida...” E daí ele ele fu... e daí ele pulô de cabeça e entra nesse buraco. (Acompanhando a ilustração). E daí... (Vira a página). ele mesmo, mesmo escorregô. “-Socorro, socorro!” Ele fala. (Vira a página). E daí, ele, a dona falava: “-Viu, eu combinei que você ía no telhado.” Será que ele morre? Não morreu, só quebô a perninha. (Vira a página). E daí veio o... o dono dos bicho. “-Será que ele vai sará?” “Vai eu cuido dele.” O dono falô. (Vira a

página). E daí ele sempi, sempi ficô médio, o dono cuidô bem. E daí ele mesmo, mesmo falô que, que, que todo dia ele mesmo ía no telhado. Todo dia! (Vira a página). E daí ele, ele não era o verdadeiro gato.

I.: Não era o verdadeiro gato?

C.: Hum, hum. (Afirmando. Vira a página). (...)

O que temos neste exemplo são extrações de fragmentos do texto escrito contado e lido (O Mimi era O Mimi era muito queridinho ... ele tinha uma linda cestinha ...ele ficou muito zangado...ele não era o verdadeiro gato); formas de discurso direto (a dona perguntava...ele falô... a dona falava e as respectivas vozes das personagens da história); operadores de narrativa e aí... e daí..., seguidos de fragmentos de voz de narrador : e daí ele ficou muito zangado; modos intercalados de descrição de ação no passado e no presente (ele pulô de cabeça e entra nesse buraco); fragmento de discurso indireto (E daí ele mesmo, mesmo falô que, que, que todo dia ele mesmo ía no telhado); vozes externas à narrativa (Será que ele morre? Será que ele vai sará?)

Vamos agora fazer uma análise retrospectiva e ver como foi o percurso interacional que possibilitou à criança esta construção narrativa.

Assumimos a noção de jogo de LIER, 1985, relida em alguns aspectos, que se traduz por práticas dialógicas, do tipo pergunta-resposta que apresentam formas padronizadas, as quais possibilitam a segmentação da linguagem pela recorrência (repetição) e instalam um possível lugar de recontextualização de outros fragmentos através da substituição.

Observamos, no momento inicial, que há a interpenetração entre os jogos identificados na oralidade, efetivados sobre as coisas no mundo e os eventos de letramento, efetivados sobre livros de histórias, aparecendo com outra qualidade (são migrados, recontextualizados da oralidade) visando o recorte das personagens/ narrador da história contada. São eles : Jogo de Nomeação (O que É X?), Jogo de Reconhecimento (Cadê X?/ Quem é X?) e Jogo Dramático (Como faz X?).

1a. GRAVAÇÃO (1,18); mãe, criança e investigadora, no quarto folheando livros de história
história : “O Patinho Feio”

(...)

C1: Teise, quato, cinco, sete, oto, nove.

(Fecha o livro e pega O Patinho Feio)

Qué vê pipiu?

M1: Tem pipiu aí também?

C2: (Abrindo o livro)

M2: Que pipiu É este?

C3: Essi pipiu achô!

M3: Ah! Achô pipiu!

C4: É, ó ga... galinhaaaaa...

M4: É uma galinha?

C5: Éééé!

M5: Não É um patinho?

C6: Galinha.

M6: É um patinho ou uma galinha?

C7: Galinha, patinho.

M7: Como faz o patinho?

C8: Có, có, có, có!

M8: Có, có, có, faz a galinha...

A relação interjogos vai sendo ampliada em direção à complexidade da modalidade narrativa escrita oralizada (estória escrita contada) e pudemos identificar outros jogos os quais denominamos : Jogos de Descrição da Ação : (O que X tá fazendo?, O que X tá É verbo? O que X vai fazê? ou O que vai acontecer com X?) e Jogos de Voz (Como fala X?). Estes jogos vão aparecendo em função do aumento da prática de contar a estória escrita, ou dada a especificidade do discurso narrativo oral letrado. Em outras palavras, a princípio há um número maior de jogos de nomeação, reconhecimento e dramático sobre as ilustrações, embora o adulto já introduza o jogo de contar; mas, à medida que o adulto passa a narrar as estórias, estes últimos jogos descritos vão interpenetrando-se.

A este ponto, podemos observar claramente a mútua influencia que se impõe às modalidades oral e escrita do discurso narrativo em sua constituição. As práticas dialógicas, típicas da oralidade, vão se entrelaçando às formas mais aproximadas do discurso escrito-contado (monologizadas pelo adulto). Assim, temos a inter-relação entre os gêneros do discurso, primário (dialógico empírico) e secundário (gêneros mais complexos que contém uma dialogia interna), como definidos por Bakhtin. (3) Neste sentido, pudemos identificar três fluxos de negociação entre o adulto e a criança em função destes gêneros do discurso.

O primeiro, onde há a predominância da dialogia empírica , (os jogos acima descritos - gêneros primários), embora já se intercalem fragmentos do discurso escrito-contado, monologizado (gêneros secundários). Portanto, tais jogos instalam um gênero primordialmente dialógico,

onde vemos a criança no lugar de participante. É o caso do exemplo acima.

No segundo, trechos monologizados são seguidos da reorganização dialógica (jogos) instaurada pelo adulto, como podemos verificar no próximo exemplo :

5a. Gravação : (2;4,3) Mãe, Criança e outra criança da mesma idade com livros e brinquedos.

história : Galinha Ruiva

(...)

M6: Aí, o trigo cresceu, cresceu, aí a Galinha falô assim : “Quem qué debulhá trigo ? Eu não disse o cachorro, eu não disse o gatinho, eu não disse o porquinho, eu não disse o coelhinho (brincando com a perna da C. no mesmo ritmo que estava falando). C5: (volta a atenção para o livro)

M7: “Eu debulho o trigo, có, có, có, disse a Galinha. Daí ela debulhou o trigo. Aí ela falô quem qué levá o grão pro moinho prá fazê farinha? “Eu não!” disse o cachorro. “Eu não!” disse o gatinho. “Eu não!” disse o porquinho. “Eu não!” disse o coelhinho. Ela falô: “Eu levo o grão pro moinho, có, có, có”. Levô o grão pro moinho. Aí

ela falô assim: “Quem qué assar a farinha e fazê um pão ? “Eu não!” Disse o cachorro. “Eu não! Disse o gatinho. Eu não! Disse o porquinho. Eu não! Disse o coelhinho. Eu asso o pão, có, có, có, có, có.

C6: (volta a tenção para o carrinho que estava com R.)

M8: “Quem qué comê meu pão?” “Eu quero”, disse o cachorro. “Eu quero”, disse o gatinho. “Eu quero”, disse o porquinho. “Eu quero”, disse o coelhinho. Ela falô: “Eu não, eu É que vô comê, có, có, có. E comeu todo o pão, todinho. Que que a galinha tá fazendo? (Apontando).

C7: Pão.

M9: Tá fazendo pão ou tá comendo pão? C8: Não...
M10: Ela tá comendo pão, num tá?
O que que ela tá fazendo?
C9: Ela tá comenu pão.
M11: Quem É esse? (Apontando)
C10: Eli, eli...
M12: Essi aqui É o... piu...
C11: Piu.
M13: Piu-piu.
C12: Piu-piu.
M14: Que que ele tá fazendo?
C13: Piu-piu.
M15: Que que ele tá fazendo?
C14: Piu-piu.
M16: Tá comendo o pão da...
Tá comendo o pão da... da galinha. C15: Da galiinha.
M17: E o gatinho, vai comê o pão?
C16: (Faz que sim com a cabeça).
M18: Não. E o peru, vai comê o pão. Não. E o porquinho
vai comê o pão? Não. E o cachorrinho, vai comê o pão?
Não.
C17: (faz que não com a cabeça)
M19: Quem É esse? (Apontando)
Cachorrinho?
C18: Cachorrinho.
M20: Ele vai comê o pão da Galinha?
C19: Não.
M21: E quem É esse? (Apontando)
C20: Au-Au qui É poquinho.
M22: É porquinho. E ele vai comê o pão?
C21: Não.
M23: Não. E esse aqui quem É?

C22: Gatinho talinda.

M24: É o gatinho com a língua de fora.

E ele vai comê o pão?

C23: (Faz que sim com a cabeça)

M25: Não vai, não. A Galinha não vai dexá. E o peru? Ele vai comê o pão ?

C24: (Faz que não com a cabeça).

M26: Não vai, não. Quem vai comê o pão? A galinha e os... piu... (Apontando no livro).

C25: Piu.

O terceiro fluxo É caracterizado pela predominância do discurso monologizado da estória contada, onde vemos a criança no lugar de espectador da estória, havendo uma síntese entre os dois primeiros. Aqui, consideramos o lugar de espectador-observador como produtivo. Ou seja, um lugar extraposto, nos termos de Bakhtin, onde as relações lingüísticas e as vozes discursivas podem ser observadas. É o que vemos abaixo:

7a. GRAVAÇÃO (02;05,06) Contexto: pai É mãe É criança (C.), no quarto com livros. estória : “Aladim e a Lâmpada Mágica”

(...)

P3: Conto. Vamu começa?

(senta ao lado de C. e volta as páginas do livro)

Do começo, né?

C4: Não!

P4: “Aladim e a Lâmpada Mágica”

C5: É essi Paladinho.

P5: Então, Aladim... (vira a página) “Aladim, venha pra casa!”, gritou o pai dele. Não, o Aladim só queria saber de

brincá. Aí, um dia, um homem chegô pra ele e falô assim: - Você É Aladim? - Sou eu, mas o meu pai morreu. - Pobre do meu irmão! Eu vim só para encontrá-lo! Ele disse que era irmão do pai dele. Aí, foi lá e falô assim: - Cê num qué ir comigo fazê uma coisa que eu preciso? -Ah, vô sim. Aí, eles foram e aí o homem falou assim: -Tá vendo esta argola aqui? -Puxa! Mas eu não vou agüentar! É muito grande esta pedra.

Ele falô: - Vai, sim. Qué vê? Eu sou um mago. Quando ele fez ABRACADABRA, o Aladim puxou a argola e abriu a pedra. Lá tinha uma escada. Aí, o mago falô assim: - Aladim, desce a escada, vai lá embaixo, pega o que você quiser e trás pra mim uma lâmpada. O Aladim foi lá embaixo, chegô lá, tinha um monte de coisas lindas : colares, pulseiras e a Lâmpada. Ele pegô um monte de colar e pegô a Lâmpada. Quando ele tava subindo, o mago falô pra ele: - Me dá a Lâmpada, Aladim! Ele falô: - Num dô. Primeiro me ajude a sair do buraco! ;Não. Primeiro me dá a Lâmpada! ;Não! Primeiro me tira do buraco! - Primeiro me dá a Lâmpada! -Primeiro me tira do buraco! Daí, eles brigaram e o mágico fechô o Aladim lá dentro. Já pensou? (referindo-se a C.) (vira a página) Aí, o Aladim ficô com medo e ficô lá pensando no que ia fazer. E, enquanto isso, ele começou a limpar a Lâmpada. Sabe o que aconteceu?

C6: PLAF!

Na verdade, não há uma linearidade entre estes fluxos de negociação, sendo que estas práticas aparecem concomitantemente ao longo dos dados analisados, ocorrendo, inclusive, na mesma gravação.

O que há de mais interessante a ser analisado no interior destes fluxos de negociação são os procedimentos

(re) organizativos do adulto (do enredo e das vozes) que identificamos como responsáveis pela emergência das vozes articuladas num discurso monologizado pela criança.

Por um lado, o adulto utiliza *procedimentos de discretização* das vozes das personagens e do narrador, os quais vão possibilitar a saliência das vozes da narrativa, pela repetição. Estes procedimentos evidenciam a extração de fragmentos do discurso a ser narrado pelo adulto que aparecem nos enunciados da criança. De outro lado, denominamos, *procedimentos de sintatização*, aqueles através dos quais o adulto (re) organiza o enredo do narrável.

Os *procedimentos de discretização* são de duas ordens. A primeira da *ordem interacional*, ou seja, da situação de interação existente, onde os interlocutores estão face a face, permitindo que a qualidade responsiva do enunciado seja imediata. Dentro desta ordem identificamos dois procedimentos, um, onde o adulto é *locutor e interlocutor de seus próprios enunciados*, ocupando o turno que deveria ser da criança. E, procedendo assim, efetua a marcação do que seria a voz textual a ser enunciada pela criança.

Ex1: M: Esta É a estória da?... Alice.

Ex2: M: E aí, que que ela vai fazê? (voltando ao livro e apontado a figura) Ela vai tomá remédio do vidrinho, né?

Ex3: M: Como É que o coelho fala? “É tarde, tô atrasado”, né ?

No outro procedimento, o adulto requer a complementação dos enunciados pela criança, dando pistas, funcionando, ainda, como o “ponto” do teatro.

Ex.4: M: Olha, era uma vez uma menina que chamava Chapéu...?

C: Cha, péu...

M: Chapéu...zinha.

Ex5 : M: Ela tinha uma mãe que fazia... O que que É isto aqui? Do...

C: ce.

M: Docinho.

O segundo bloco de *procedimentos de discretização* é da *ordem discursiva*, ou seja, aquela que emana da própria natureza do texto narrativo. São os usos que o adulto faz dos *marcadores narrativos*: *era uma vez, e aí, e daí* (que dão lugar à voz do narrador), *falou assim, disse que*: (que dão lugar às vozes das personagens); o uso de *cantigas e refrões* como forma de iniciar os jogos de contar e a entonação expressiva das vozes das personagens. Novamente aqui, estes procedimentos vem tornar salientes os elementos do narrável pela recorrência.

Ex6: M: (Aponta para a Chapeuzinha e canta) “Pela estrada a fora/ eu vou tão sozinha/ levar estes doces para a vovózinha/...

C: (Levanta e começa a imitar o andar de Chapeuzinha dançando)

Ex7: M: Aí, a Chapeuzinha chegô lá e o Lobo Mau , ela falô pro Lobo Mau: “Pra que esses olhos tão grandes?”
C22: (Modificando a voz) “Pa ti celá!”
M23: “Pra que esse nariz tão grande?”
C23: “Pa ti celá!”
M24: “Pra que essas orelhas tão grandes?”
C24: “Pá ti celá!”
M25: “E pra que essa boca tão grande?”
C25: “Pa ti comê!” (morde a mãe) Ah!
M26: Ah! “Pa ti comê!” (modificando a voz)

Os *procedimentos de sintatização* são aqueles através dos quais o adulto coloca os enunciados da criança (tanto as vozes das personagens como a do narrador) numa ordem própria do narrável.

Ex 8: M2: Como É? Essa É a estória da?... Alice. (virando as páginas até chegar no início da estória)
C2: Da Alice. “Tati, tati, tati”.
M3: Quem É esse? (apontando figura no livro)
C3: Tati.
M4: Esse É o coelho.
C4: Tati, quelho. Qué mais! (virando a página)
M5: A Alice caiu num buraco beeeem fundo, né? Daí, quem ela achou lá embaixo? Quem foi? (apontando a figura) Quem É esse? Coelho.
C5: Colelo. Achô lá embaxo do home.
M6: (vira a página apontando para outra ilustração) Aí, ó, tá caindo num buraco bem fuuuuundo. Aí o coelho falava assim..
C6: “Tati, tati” (Vira a página).

No exemplo 8, após a negociação sobre a estória (muitas vezes recontada) a ser contada (M1), a criança em C1, inicia com um fragmento da voz da personagem (Coelho Branco que diz : “Estou atrasado, É tarde, É tarde!”). O adulto não atribui como lugar de sentido o enunciado C1 e prossegue negociando a possibilidade de recontextualização da voz da personagem no interior do enredo. Vira as páginas até o começo, introduz as personagens recorrendo aos jogos de reconhecimento (M2/M3) e, em M5/M6, narra a estória organizando o discurso, sendo que a seqüência M6/C6 revela o momento em que o enunciado “Tati, tati” ancora e ganha um sentido na estória: “Esta É a estória da Alice (M2), a Alice caiu num buraco bem fundo (M5), (depois) ela achou lá embaixo (um) coelho (M5) (depois) o coelho falava (M6) assim... “Tati, tati” (C6).

Da mesma forma que a voz da personagem É reorganizada na ordem do enredo, a voz do narrador também o é.

Ex 9: C24: Ele caiu.

M25: Não, ela ficô grande na hora que entrô na casa. Que ela tinha ficado pequinininha e daí ela ficô grande de novo. E aí ela caiu e ficô com o pé dentro da lareira, derrubô tudo. (vira a página) Olha a mão dela como É grande perto do coelho. (apontando) Aí, o coelho foi vê o que tinha lá e o que aconteceu com o coelho? Caiu?

C25: Caiu.

M26: Caiu, se espatifou todo na estufa de vidro, né? (vira a página) Aí ela achô um...

Os fragmentos da voz do narrador “Ele caiu.” aparecem nesta seqüência anteriormente C16/C17 , onde claramente a criança antecipa a ação principal da estória. Apesar de “ele”, ser indeterminado (pois na estória da Alice tanto ela caiu, como ele, o coelho, caiu), a criança assume o plano enunciativo do narrador, enunciando a um “você” a ação da personagem.

Entretanto, o enunciado da criança “Ele caiu.” ainda não faz sentido no enredo para o adulto que prossegue com a negociação de um lugar de mais sentido : o “Não.” do adulto (M25) pode ser interpretado como , ela não caiu ainda, (primeiro) “ela ficou grande...E aí (depois) ela caiu...” (depois) “o coelho foi vê o que tinha lá e o que aconteceu com o coelho? Caiu?”.

O que pode ser um índice de que estes procedimentos são efetivamente responsáveis pela emergência das vozes no discurso narrativo da criança é o momento da reversibilidade de lugar que esta última assume. Em outros termos, a criança assume o lugar de reorganizador do narrável, usa marcadores de narrativa, enfim, ocupa o lugar do adulto de contar a estória, aparecendo na sua enunciação fragmentos da dialogia e da monologia, o que demonstra como foi apreendido o discurso de seus interlocutores.

Ex 10: C8: Olha a vovozinha com a Chapeuzinho. Eu achei. (Virando as páginas). Fizeram felizes para sempi. Agora ôto. Agora ôto!

Ex 11: I.: É o anjinho.

P.: Não, É o Franjinha.

I.: Franjinha! (Risos).

C.: Franjinha.
I.: O Anjinho tem uma azinha.
C.: Fanjinho perguntô pu Bidu.
I.: Franjinha. O que que ele perguntô pro Bidu?
C.: Eu não sei.
I.: Não sabe?
C.: (Nega com a cabeça).

Ex 12 : C1: Foi o coelho que contô, isso. M2: Foi o coelho que contô, não foi? C2: É...E o que que o coelho diz? Hein? M3: Hum?
C3: Hein?
M4: Vai lá caçador! Vai lá, caçador! Que a Chapeuzinha...
C5: Não. Não É isso. “Vai lá, caçador, comigo, cortá a barriga do lobo...que o lobo morresse...”

Ex13: M7: Em tempos que já vão bem longe, um rei e uma rainha, o rei Estevão e a rainha Rosália, né? Ambos reinavam num país muito bonito, né? Todos eram muito contentes, todos estavam muito felizes porque a rainha estava esperando um... neném.

(...)
M9: Hum, e então, e aí chegô a terceira fada. Quando a terceira fada, ia fazê seu desejo...
C10: (Apontando no livro). É o pai da dona menina!
M10: Então, chegô a bruxa. Como É que a bruxa fez? “- Há, há, há!”
C11: Ai, ai, mandô... Que que falava a bruxa? Bava e depois a... a buxa... Mas por que que a... A buxa já saiu pu lá, já saiu. “-Boa tardi seu bobo!” Aí a buxa saiu.

Neste último exemplo, o enunciado da criança (C11) nos deixa entrever a complexa tarefa de articular diferentes vozes monologicamente, assim como a impregnação das práticas dialógicas neste processo de monologização. Em suma, a difícil tarefa de apagar as vozes dos interlocutores empíricos.

Deste modo, lembrando o primeiro exemplo, o qual submetemos a uma análise retrospectiva, podemos concluir que os gêneros enunciativos característicos da oralidade e do letramento contribuem mutuamente para a constituição do discurso narrativo. Além disto, o processo de monologização do discurso só pôde ser resgatado através da remontagem da história dialógica de sua constituição.

Por fim, neste trabalho, pudemos identificar os procedimentos envolvidos nas interações de uma criança e seus interlocutores sobre livros de estórias e relevar a importância do efeito das vozes do outro na constituição discursiva, considerando o processo de monologização do discurso através da emergência das diferentes vozes.

NOTAS:

(1) Este artigo contém algumas das questões abordadas na dissertação de mestrado, sob o mesmo título; ver FERNANDES, 1995.

(2) Bakhtin atribui um papel ativo tanto ao locutor quanto ao receptor de um enunciado. A compreensão da significação lingüística de um enunciado se dá através de uma atitude responsiva, ou seja, todo enunciado implica uma reação, uma resposta. Isto ocorre tanto no diálogo empírico quanto no discurso monologizado (principalmente nos gêneros mais complexos, como o científico, o político,

o literário) onde o locutor formula questões e as responde, propõe objeções que ele mesmo afasta, fala na voz de outrem, utilizando o discurso citado, e assim por diante, mantendo um diálogo interno ao discurso que pode ser com seus próprios enunciados ou com os dos outros.

(3) A respeito dos gêneros do discurso ver mais detalhadamente Bakhtin, 1953.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BAKHTIN, M. (1924) *O Problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária*. In Questões de Literatura e Estética - A teoria do romance. SP Hucitec (1988)
- _____(1929-a) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. SP Hucitec.
- _____(1929-b) *O autor e o herói*. In Estética da Criação Verbal, SP, _ Martins Fontes
- _____(1935) *O discurso no romance*. In Questões de Literatura e Estética A Teoria do Romance, SP Hucitec 1988)
- _____(1953) *Os gêneros do discurso*. In Estética da Criação Verbal. SP, Martins Fontes
- _____(1959) *O problema do texto*. In Estética da Criação Verbal. SP, Martins Fontes
- _____(1974) *Observação sobre a epistemologia das ciências humanas*. In Estética da Criação Verbal. SP, Martins Fontes
- CAMAIONE, L. (1979) *Child-Adult and child-child conversation: an interactional approach*. In Development of Pragmatics. Cap.XV(325-337).Ed.

- by Elionor Ochs, Bambi B.Schieffelin. Academy Press, NY.
- CAMPOS, M. F. P. de C. (1985) Processos Intersubjetivos na Construção da Inferência e Justificativas. Tese de doutoramento. Campinas: IEL/UNICAMP
- CLARK, E (1987) *The principle of contrast: a constraint on language acquisition*. In B. MacWhinney (org) Mechanism of Language Acquisition Londres: Lawrence Erlbaum, 1-33.
- FERNANDES, M. T. O. S. (1995) Desenvolvimento do Discurso Narrativo : a emergência das diferentes vozes. Dissertação de Mestrado PUC/SP
- FIGUEIRA, R.A. (1985) Causatividade: um estudo longitudinal de suas principais manifestações no processo de aquisição de português para uma criança. Tese de doutoramento. Campinas: IEL/UNICAMP.
- FONTANA, M. G. Z. (1988), *El Tercero Excluido: de los exilios de la lengua*. Caderno de Estudos Lingüísticos, XVI: 75-96. Campinas: IEL/UNICAMP
- de GOES, M. C. & M. MARTLEW (1983) *The psychology of written language: development and education perspective* Wiley, N.Y.
- KARMILOFF-SMITH, A. (1979) *A Functional Approach to Child Language*. Cambridge, G.B. Cambridge University Press.
- de LEMOS, C. T. G. (1977) Jogos demonstrativos da estrutura de eventos no período pré-lingüístico: seu estatuto como pré-requisito do desenvolvimento da linguagem . Comunicação Apresentada no II Encontro Internacional de Lingüística. PUC/RJ

- _____ (1981) *Interactional process and the child's construction of language*. In W.Deutsch (org) *The child construction of language*. London: Academic Press
- _____ (1982) *Sobre Aquisição de Linguagem e seu Dilema (pecado)* Original. Boletim da ABRALIN, 3 (97-126)
- _____ (1985) *On specularity as a constitutive process in dialogue and language acquisition*. In L.Camaione e C.de Lemos (org) *Questions on social explanation: Piagetian's themes revisited*. Amsterdam, Holanda: John Benjamin Publishers
- _____ (1986) *Retrospectiva -Interacionismo e Aquisição de Linguagem*. DELTA, vol.2 (231-248)
- _____ (1988) Prefácio In M. A. Kato (org) 1988, *A Concepção da Escrita pela criança* (09-14) Campinas, Pontes.
- _____ (1989) *From Dialogues Process to Narrative Perspective*. Vol. Comemorativo dos 20 anos de LAEL Da Lingüística Aplicada à Interdisciplinar, SP: PUC/SP.
- _____ (1991) Prefácio. In M.C.Perroni, (1992) *Desenvolvimento do Discurso Narrativo*, SP Martins Fontes
- LIER, M. F. de A. (1983) *A Constituição do Interlocutor Vocal*. Dissertação de mestrado, LAEL-PUC/SP.
- _____ (1985) *O Jogo como Unidade de Análise*. Série Estudos, 11 (45-54). Uberaba: FISTA.
- LIER-DE-VITTO, M. F. de A. (1994) *Os Monólogos da Criança: delírios da língua*. Tese de doutoramento. Campinas. IEL/UNICAMP

- MAIA, E. A. M. (1985) *Estratégias de sustentação do diálogo e a concepção adulta do desenvolvimento fonológico*. Cadernos de Estudos Linguísticos, 9(115-124).
- MAYRINK-SABINSON, M. L. (1987) *Reflexões da Psicogênese da Leitura*. Estudos Lingüísticos, XVI 9129-135)
- PERRONI, M. C. (1983) *Desenvolvimento do Discurso Narrativo*. Tese de doutoramento. Campinas, IEL/UNICAMP.
- _____ (1992) *Desenvolvimento do Discurso Narrativo*. SP, Martins Fontes.
- PFLAUM, S. A. (1986) *The Development on Language and Literacy in Young Children*. Columbus: Merrill P.C.
- ROJO, R. H. R. (1985) *Linguagem oral e linguagem escrita: o que se perde é o corpo*. Cadernos de Distúrbios da comunicação, 2 (44-65), SP, PUC/SP
- _____ (1989a) *O papel do jogo no desenvolvimento da linguagem escrita*. Estudos Lingüísticos, XVIII (18-32).SP/GEL-USP
- _____ (1989b) *O Desenvolvimento da Narrativa Escrita: “fazer pão” e “encaixar”*. Tese de doutoramento. LAEL-PUC/SP
- _____ (1990) *O desenvolvimento da narrativa escrita: como são os textos que as crianças escrevem*. DELTA, 6 (25-47). SP/PUC-SP
- _____ (1991) *“Espelho, espelho meu”: jogo de papéis e a constituição da narrativa e do letramento*. Anais do II ENAL, PA:CEAAL/PUC-RS
- _____ (1992) (no prelo) *A ontogênese do letramento: uma perspectiva sócio-histórica*. In R.H.R.Rojo (org)

Letramento & Alfabetização: Perspectivas
Linguísticas. Campinas, Pontes

- _____ (1994) *Turning points: emergent literacy in socio-historical approaches*. In J. V. Wertsch & J. D. Ramirez (eds) *Exploration in Socio-Cultural Studies*. Vol II: Literacy others forms of mediated action.(197-202). Madrid: Aprendizaje
- _____ (1996) *A Emergência da Coesão Narrativa: “E daí: questão de tempo ou perspectiva?”. Revista D. E. L. T. A . , vol 12, n.1*
- SCARPA, E. M. (1987) *Aquisição de linguagem x aquisição de escrita: continuidade ou ruptura?*. Estudos Linguísticos, XVI, (118-128)
- SMOLKA, A. L. B. (1991) *Múltiplas vozes na sala de aula: aspectos da construção coletiva do conhecimento na escola*. Trab.Ling.Aplic.,18 (15-28). Campinas/UNICAMP
- TEALE & E. SULZBY (1987) *Young children’s storybook reading: longitudinal study of parent-child interaction and children’s independent function*. Relatório do Projeto de Pesquisa.
- TFOUNI L. V. (1988)- *Escrita, alfabetização e letramento*. Cadernos CEVEC, XVIII, (18-24). SP.
- VYGOTSKY, L. S. (1930a) *A Formação Social da Mente*. SP, Martins Fontes (1987).
- _____ (1930b) *Historia del Desarrollo de las Funciones Psiquicas Superiores*. Ciudad de la Habana, Editorial Científico Técnico (1987)
- _____ (1933) *El problema de la consciencia*. In L. S. Vygotsky. Obras Escogidas. Vol.I.Madrid: Aprendizaje/Visor

_____ (1934) *Pensamento e Linguagem*. SP: Martins
Fontes.(1987)

